

A interioridade em abismo: estudo sobre o discurso indireto livre e a crise da forma em *Quincas Borba*

Tiago Seminatti

Resumo

Esta apresentação discute elementos decisivos de meu projeto de pesquisa sobre *Quincas Borba*, de Machado de Assis, que tem como hipótese principal a de que a crise psíquica do personagem tem correspondente com o processo de problematização da forma do romance. Na obra encontramos, por meio de uma voz narrativa versátil, um protagonista psicologicamente cindido, cuja trajetória culmina em loucura e morte. Além disso, ligar-se-ia à crise do personagem e aos questionamentos envolvendo a forma romance a crise de composição que Machado de Assis enfrentou durante a escrita de *Quincas Borba*. O romance foi reescrito, produzindo diferenças significativas entre a versão em folhetim, publicada em *A Estação* (1886-1891), e a publicada em livro (1891). Assim, ao considerar como a fragmentação da consciência de Rubião é operada pelo narrador de *Quincas Borba* e qual o seu sentido na relação estabelecida com outros elementos da obra, destacarei a importância do discurso indireto livre enquanto procedimento estilístico complexo e eficaz na captação da interioridade do ser fictício no plano discursivo. Deste modo, pretendo fundamentar e justificar a relevância de uma pesquisa voltada para a análise do modo como Machado de Assis lidou discursivamente com a forma romance para compor um personagem em processo de desintegração psíquica, justamente em uma obra problemática do ponto de vista de seu próprio processo de escrita.

Palavras-chave

Machado de Assis; *Quincas Borba*; romance; crise; discurso indireto livre

¹ Mestrando em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo com o projeto de pesquisa “A interioridade em abismo: estudo sobre o discurso indireto livre e a crise da forma em *Quincas Borba*”, sob orientação do Prof. Dr. Hélio de Seixas Guimarães e apoio financeiro da FAPESP. E-mail: tiago.seminatti@gmail.com.

Esta apresentação discorre acerca do projeto de pesquisa “A interioridade em abismo: estudo sobre o discurso indireto livre e a crise da forma em *Quincas Borba*”, que consiste num estudo crítico sobre *Quincas Borba* (1891), de Machado de Assis (1839-1908), e possui como hipótese principal a de que a crise psíquica do protagonista Rubião tem correspondente com o processo de problematização da forma do romance.

Entre os romancistas dos oitocentos brasileiro, Machado de Assis destaca-se por ter criado ficções nas quais os personagens comunicam ao leitor situações psicológicas relevantes engenhosamente emaranhadas ao enredo. Em ensaio sobre *Quincas Borba*, Alexandre Eulálio destaca que

[...] a verdadeira temática de Machado de Assis consistia, sob a brilhante urbanidade da forma, no esforço de expressar as sutilezas que acompanham o mecanismo psicológico, na análise dos momentos de transição e passagem que integram a personalidade, ainda no irônico perseguir do processo de racionalização que transforma os movimentos de consciência em princípios ou justificações de comportamento. (EULÁLIO, 1993, p. 223).

José Luiz Passos, por sua vez, em *Machado de Assis, O romance com pessoas*, percebe na obra do escritor uma insatisfação com as convenções do Romantismo e do Naturalismo, já que ambas estéticas seriam limitadoras para dar uma forma complexa a “sentimentos e juízos sobre a conduta humana” (2007, p. 163). Portanto, cumpre destacar a inclinação artística de Machado de Assis para tratar nos personagens da instabilidade presente no diálogo entre as motivações interiores e o mundo exterior. Especificamente em *Quincas Borba*, a representação da condição de desajuste de Rubião em relação ao mundo e aos outros seres ficcionais seria decisiva para o sentido e construção do romance. Na obra encontramos, por meio de um narrador versátil, um ser cindido, cuja trajetória culmina em loucura e morte. O olhar e os pensamentos do protagonista são utilizados como recursos essenciais para o desenvolvimento da narração.

Desde o primeiro capítulo do romance a articulação entre o narrador e a perspectiva de Rubião se faz presente na obra:

Rubião fitava a enseada, – eram oito horas da manhã. Quem o visse,

com os polegares metidos no cordão do chambre, à janela de uma grande casa de Botafogo, cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta; mas, em verdade, vos digo que pensava em outra coisa. Cotejava o passado com o presente. Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha), para a casa, para o jardim, para a enseada, para os morros e para o céu; e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade.

— Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas, pensa ele. Se mana

Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

A voz narrativa a princípio apresenta Rubião de modo objetivo: ele “fitava a enseada” às “oito horas da manhã”. O personagem está situado em um ambiente doméstico opulento – “à janela de uma grande casa de Botafogo” –, com trajes informais, embora requintados – “chambre”, “chinelas de Túnis” – e com uma postura corporal plácida, pois, “quem o visse”, “cuidaria que ele admirava aquele pedaço de água quieta”. A cena, situada na privacidade do lar, sugeriria ao observador, limitado somente ao aspecto exterior, a mesma tranquilidade das águas da enseada. No entanto, a aparente harmonia entre o ser e o ambiente é desestabilizada pela interioridade do ex-professor, captada no plano discursivo. Para tanto, o narrador é colocado na “posição de intermediário entre o leitor e uma suposta verdade, evocada pelo emprego da formulação bíblica – ‘em verdade, vos digo’.” (GUIMARÃES, 2012, p. 178). Deste modo, apesar de os olhos de Rubião apontarem para o “pedaço de água quieta”, a estilização de seus pensamentos opera de maneira a proporcionar que situações distintas de sua vida sejam confrontadas – “Que era, há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista”. O momento de observação da consciência do personagem culmina em sua “sensação de propriedade”: a fortuna que tem em mãos revelaria não apenas uma satisfação sensorial, mas agiria em sua constituição psíquica, moldando sua personalidade. O narrador constrói através de uma relação de substantivos, cada um deles sendo de proporção supostamente maior que o seu anterior – “chinelas”,

“casa”, “jardim”, “enseada”, “morros” e “céu” –, uma possível analogia com o espírito de Rubião, cada vez mais alto e mais envaidecido. Assim, vestindo a máscara social de um homem rico, a sua compreensão do mundo seria produto de sua condição presente, cuja euforia pode fazer o provérbio “Deus escreve direito por linhas tortas” assumir um tom irônico para o leitor. As linhas tortas, interpretadas sob o ponto de vista do personagem, fazem referência aos planos frustrados de casamento da irmã com o amigo rico que, no entanto, deixou ao ex-professor uma valorosa quantia como herança: “Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...”.

Nesse sentido, já em suas linhas iniciais, o romance mostra interesse em revelar, no plano discursivo, o funcionamento psíquico de Rubião, assumindo o ponto de vista do personagem, ao mesmo tempo em que fornece um tratamento perspicaz às contradições provenientes da relação do protagonista com o mundo. Nesse universo, temos a oportunidade de tomar conhecimento do maquinário psicológico de Rubião a partir de sua voz mental, de um falar consigo mesmo. São enunciados, por vezes desconexos, que não chegam ao conhecimento social, mas que ficam reservados ao sujeito e não raro operam como autoengano.

Neste ponto, seria oportuno mencionar que o discurso indireto livre torna-se algo fundamental na fusão enunciativa entre narrador e personagem ao longo do romance. Tal procedimento opera como uma técnica narrativa capaz de explorar a interioridade do ser fictício, fazendo-o de modo complexo e ambíguo. De acordo com Franco Moretti, o discurso indireto livre é capaz de aproximar a voz individual e subjetiva do personagem ao discurso do narrador, possibilitando uma fusão de vozes que torna a mensagem “implícita e por vezes quase inadvertida”; além disso, o seu emprego se dá em momentos de dúvida, temor, excitação e nostalgia, ou seja, momentos críticos (MORETTI, 2003, p. 27). No romance de Machado de Assis, a heterogeneidade discursiva entre narrador e protagonista constituir-se-ia em um dos elementos mais importantes e significativos da obra, uma vez que não parece ser por acaso que o narrador, participando ativamente

do jogo ficcional, é capaz de dissolver, conforme nota Hélio Guimarães, “as fronteiras que separam o seu discurso, o do leitor e o de um personagem às vésperas da loucura” (2012, p. 182).

Assim, ao dar tratamento artístico a um processo de crise psíquica estabelecendo uma abordagem da interioridade do personagem, Machado daria forma a uma narrativa complexa do ponto de vista discursivo. Mas, para tanto, o escritor teria enfrentado dificuldades na escrita da primeira versão da obra, publicada em folhetim entre 15 de junho de 1886 e 15 de setembro de 1891 na revista *A Estação*. Em vários momentos a publicação acabou sendo interrompida, sobretudo em um período de quatro meses em 1888 e cinco meses em 1889. Considerando os intervalos silenciosos e as mudanças ocorridas na versão em folhetim para a versão em livro, o crítico John Gledson chama a atenção para um momento de *crise* vivido pelo escritor: enredo, narração, a loucura de Rubião, seriam alguns dos fatores que o teriam levado a retrabalhar a obra, a buscar soluções para problemas de composição (GLEDSON, 2013).

Nesse sentido, este é o romance machadiano do qual temos o registro mais bem documentado da instabilidade do processo de escrita, na medida em que há um romance publicado em livro escrito a partir de um romance publicado em capítulos esparsos na revista *A Estação*. Ou seja, trata-se ele mesmo de um texto duplicado, cindido, algo que não ocorreu com nenhum escrito de Machado de Assis, em que as diferentes versões não implicaram alterações estruturais, como ocorre com *Quincas Borba*. Assim, a análise do modo como é construída e articulada a relação entre narrador e protagonista seria o ponto inicial do percurso de pesquisa que pretende compreender o modo como Machado encontrou soluções para expressar um personagem cujo processo de desintegração é colocado em evidência para o leitor. Diante disso, a análise das variantes na caracterização de Rubião e sua loucura entre as versões em folhetim e livro, sobretudo referentes ao emprego do discurso indireto livre, parece oportuna para revelar aspectos da escrita deste romance machadiano.

Por fim, considerando que Machado de Assis pode ser incluído entre os

romancistas que visaram tornar o ser fictício mais complexo, *complicando* a configuração dos personagens,² o cotejo entre as duas versões de *Quincas Borba* pode revelar aspectos decisivos da maneira como se constroem textualmente as interioridades dos seres fictícios na obra, sinalizando para uma maior ou menor importância que Machado forneceu ao discurso indireto livre e possibilitando interpretar de que maneira as alterações feitas de uma versão para a outra podem ser entendidas como sintomas de uma crise da forma, associada ao romance moderno e à qual Machado respondeu de maneira singular na escrita deste romance.

² No estudo “A personagem do romance”, Antonio Candido explica que a partir do século XVIII é notável a preocupação com a *forma* que atingiu os romancistas modernos, levando escritores a aumentar o sentimento de *difficuldade* do ser fictício. CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance”. In: *A personagem de ficção*. São Paulo: FFLCH-USP, 1963, p.43.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília; Brasília, INL, 1977. 346 p.

EULÁLIO, Alexandre. “A estrutura narrativa de *Quincas Borba*”. In: *Livro Involuntário: literatura, história, matéria & modernidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993, p. 222-227.

GLEDSON, John. “*Quincas Borba* – Um romance em crise”. In: *Machado de Assis em linha*, ano 4, número 8, dezembro 2011. Disponível em: http://machadodeassis.net/revista/numero08/rev_num08_artigo03.pdf. Visualizado em 3 de junho de 2013.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2012. 464 p.

MORETTI, Franco. “O século sério”. In: *Novos Estudos CEBRAP*, tradução de Alípio Correa e Sandra Correa. N.º 65, março 2003, p. 3-33.

PASSOS, José Luiz. *Machado de Assis. O romance com pessoas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Nankin Editorial, 2007. 296p.